

A REFLEXÃO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR



PAULA PEREIRA DOS SANTOS

Possui formação em Magistério pelo CEFAM/ Itaim Bibi - Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério - (2000), graduação em Língua Portuguesa pela Universidade Anhembi Morumbi (2007), e em Pedagogia pela Faculdade da Aldeia de Carapicuíba - FALC - (2014), Pós-Graduação/ Lato-Sensu em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP - (2010). Atuou por sete anos na Rede Estadual de ensino, e atualmente, leciona na Rede Municipal de Ensino de Itapeverica da Serra (Educação Infantil) e na Prefeitura de São Paulo (Ensino Fundamental II - Professora de Língua Portuguesa).

RESUMO

Este artigo tem como estudo central a importância da prática pedagógica do professor universitário, tendo como desenvolvimento fundamental a atuação junto aos universitários recém-ingressantes no universo do ensino superior. O estudo foi desenvolvido com base em pesquisas bibliográficas, de natureza qualitativa, buscando enfatizar o importante papel do professor universitário nos anos iniciais da formação acadêmica de nível superior. Assim, busca-se fortalecer a necessidade de uma associação entre conhecimento e prática, juntamente correlacionado com os conhecimentos necessários para atuação profissional do estudante em formação. A atuação do docente superior é de extrema relevância nessa perspectiva, uma vez que além de ministrar os conteúdos exigidos na grade curricular do curso o professor universitário precisa associar a prática pedagógica à experiência em sala de aula e as construções variadas trazidas pelos alunos no que corresponde a experiência de sala de aula da Educação Básica, estabelecendo consonância na relação professor-aluno.

Palavras-chave: Docência; Qualidade do Ensino; Formação dos Professores.

INTRODUÇÃO

Neste artigo se tem como eixo principal um estudo em torno da formação do profissional em docência do ensino superior, tendo como foco a expansão desse campo de atuação, bem como os processos de formação desse profissional e a importância de sua atuação na formação e orientação de outros profissionais, nesse caso os estudantes universitários.

Atualmente, algumas instituições exigem de seus professores a formação acadêmica de especialização, a partir dessa informação, muitos questionamentos foram levantados, estabelecendo uma análise com os desafios atuais e as exigências do mercado de trabalho. Para que a pesquisa fosse construída tomaram-se como base alguns teóricos que já fizeram apontamentos relevantes com relação à atuação do profissional em docência superior. Esta pesquisa está fundamentada em estudos já existente, feito por teóricos que tratam de assuntos relacionados à docência do ensino superior, sendo eles Pimenta, Zabalza, Nóvoa e outros.

As leituras revelaram que a formação pedagógica para o docente universitário se dá pela prática e pela experiência vivenciada enquanto aluno, esse será o eixo central dessa discussão. Neste cenário de formação do docente universitário, uma questão se faz latente em toda construção dessa pesquisa:

Será que a formação e atuação do docente em ensino superior tem recebido a devida atenção na formação de futuros profissionais?

Compreendendo que a aprendizagem da docência no ensino superior é constituída de diversos fatores que estão mais associadas ao interesse do profissional e as necessidades e influencias externas, o professor passa a ser visto como agente de sua própria formação e conseqüentemente, essa busca reflete na importância da sua atuação e relação com os alunos.

Esse estudo intenciona esclarecer alguns quesitos fundamentais:

- Identificar como é constituída a formação do profissional docente do ensino superior;
- Estabelecer paralelos com a prática e teoria, mostrando a importância das relações dentro do contexto de aprendizagem;
- Estabelecer um diálogo real e concreto com base nas possibilidades de formação continuada para os docentes do ensino superior;
- Identificar possíveis avanços e retrocessos na expansão do ensino superior e na atuação dos profissionais de docência.

Acredita-se que tais objetivos serão alcançados tendo em vista os estudos desenvolvidos acerca da docência no ensino superior, o que irá auxiliar na compreensão dos dados que serão analisados ao longo do estudo.

Portanto é necessário estabelecer questões que envolvam formação, saberes e práticas docentes. As considerações sobre essa inter-relação dará prosseguimento ao estudo proposto nesse trabalho.

DESENVOLVIMENTO

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. (FREIRE, 2002)

Aprofundar-se nas discussões em torno da formação acadêmica do docente em ensino superior não é uma tarefa nada fácil, a obtenção de títulos e a graduação acadêmica são cada vez mais exigidas em algumas universidades, títulos são as exigências primordiais para assumir um cargo de docência em muitas instituições, contudo há tempos vem se discutindo se essa deve ser a única exigência.

Grande parte do fracasso universitário ou do abandono do curso ocorre devido a não adaptação por parte do estudante as novas práticas docentes apresentadas e desenvolvidas, acostumados a uma atuação do docente diferente em toda Educação básica, o universitário, recém-ingressante, não consegue mobilizar as novas práticas, resultando em dependências acadêmicas e até mesmo, o próprio abandono.

Expandiu-se o acesso as universidades, no entanto a prática docente do profissional universitário destoa da realidade dos universitários que chegam ao ensino superior. Assim o que se entra em discussão é até quando a obtenção de títulos serão, por si sós, suficientes para o oferecimento de um ensino superior de qualidade.

Os programas de pós-graduação, de maneira geral, tendem a priorizar em suas atividades a condução de pesquisas, tornando-se responsáveis, mesmo que não intencionalmente, por reproduzir e perpetuar a crença de que para ser professor basta conhecer a fundo determinado conteúdo ou, no caso específico do ensino superior, ser um bom pesquisador.

O que na verdade é sabido que essa informação não condiz com a realidade, não é o fato de ser um bom pesquisador que lhe garante a didática necessária para ministrar aulas e construir criticamente uma discussão de um determinado assunto/ tema.

Uma das reclamações mais constantes no que concerne aos universitários é a falta de didática de alguns professores universitários, é percebido que o docente domina o assunto discutido, no entanto, grande parte dos alunos menciona a dificuldade dos mesmos em “passar”, construir, discutir, apresentar o conteúdo. Outros universitários questionam o distanciamento entre professor e aluno, a frieza na relação em sala de aula, o que é sabido que pode ser predominante na aquisição de conhecimentos.

Numa breve retrospectiva da história das universidades de maneira geral e mais especificamente, das brasileiras, é possível observar que a formação exigida do professor universitário tem sido restrita ao conhecimento aprofundado da disciplina a ser ensinada, sendo este conhecimento prático (decorrente do exercício profissional) ou teórico

(decorrente do exercício acadêmico). Pouco, ou nada, tem sido exigido em termos pedagógicos.

Durante muito tempo, por volta dos anos 70 exigia-se apenas do futuro professor de ensino superior uma boa atuação como profissional da área. O autodidatismo dos primeiros docentes universitários contribuiu para o surgimento de professores improvisados, repetidores do conhecimento e sem formação pedagógica. Ou seja, os docentes universitários até bem pouco tempo atrás, com algumas exceções, somente possuíam o curso de graduação, requisito para ingresso na carreira do magistério universitário.

É interessante notar que atualmente, nas avaliações da qualidade dos cursos superiores a formação pedagógica dos professores, tem sido apontada como uma das causas da baixa qualidade de ensino tanto pelos alunos como pelos professores. Diante disso pode se perceber que existe uma deficiência e que pode se encontrar na casualidade do exercício da docência.

A educação seja ela de educação básica ou de ensino superior não deve e nem pode estar impregnada pelo modelo econômico liberal, em que a didática decorrente desse movimento, passa a ser usada para respaldar o chamado “fracasso escolar”, como sendo algo próprio da natureza individual do aluno, isso de maneira equivocada, uma vez que joga para o aluno unicamente, nesse caso do nosso estudo, joga para o universitário a única responsabilidade por seu “fracasso acadêmico”.

Assim, a valorização da criança como sujeito da aprendizagem – que, à primeira vista, teria significado uma revolução democrática nos métodos de ensinar, em oposição ao método tradicional característico da escola das classes dominantes – contraditoriamente se impõe como justificativa da desigualdade escolar e social. (PIMENTA e ANASTASIOU, 2008, P. 45).

Quando a instituição, em sua carga histórica, passou a ver o profissional docente como aquele que tem o conhecimento sobre uma determinada área e o domínio do conteúdo, capaz de ensinar, houve-se uma ruptura entre saber, conhecer e ensinar, fragmentação essa tão discutida entre os universitários que, muitas vezes, vê o professor como um teórico reproduzidor de conceitos, e sem relação alguma com a sua prática profissional futura.

Nesse contexto uma forma para que seja possível minimizar os efeitos da ausência da prática pedagógica é a constante formação dos profissionais que gerem as aulas nas instituições de ensino superior, buscando por meio de atuações em campo de pesquisas, relacionar teoria e prática, possibilitando reflexão e debates para a transformação de suas práticas.

A necessidade de formação de um docente mais crítico e reflexivo em qualquer nível de ensino é sempre necessária, para que o estudante veja relação do conteúdo estudado com a prática e a atualidade. Um estudante que passa no mínimo doze anos de sua vida acadêmica estudando de uma forma a relacionar teoria e prática, com empatia com o professor, não pode e nem deve sofrer com essa ruptura no início da vida acadêmica de ensino superior.

Desta forma, o movimento que inicialmente incluiu uma crítica e uma denúncia ao caráter meramente instrumental da Didática avançou em seguida para a busca de alternativas e reconstrução do conhecimento da área. E, em oposição ao modelo pedagógico centrado no campo da instrumentalidade, grupos de educadores passam a discutir a importância de formar uma consciência crítica nos professores para que estes coloquem em prática as formas mais críticas de ensino, articuladas aos interesses e necessidades práticas das camadas populares, tendo em vista garantir sua permanência na escola pública. (PIMENTA e ANASTASIOU, 2008, P. 48).

Tais encaminhamentos referem-se à didática como um trabalho de ensino para a transmissão e assimilação. Predominando assim, o pensamento e a teoria sobre a ação e a prática propriamente dita. Pensamento hoje, totalmente inaceitável, uma vez que a teoria, o pensamento, a ação e prática devem configurar faces do mesmo prisma havendo assim consonância entre os dizeres e, concomitantemente, o despertar do interesse do estudante universitário.

A formação profissional é apontada por Zabalza (2004. P.25) como um processo que deriva de sua necessária vinculação ao crescimento e ao aperfeiçoamento das pessoas.

O professor não pode olhar para os desafios que surgirem tentando impedi-lo de se manter atualizado para desenvolver práticas pedagógicas eficientes, se ele quiser aperfeiçoar-se como pessoa, ele deverá desenvolver o hábito de leitura, caso contrário, não conseguirá desenvolver esse gosto e prazer pelo estudo em seus alunos.

Segundo Nóvoa, (2002 p. 23) o aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente; e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente.

Nesse sentido ressaltamos que a formação continuada se dá de maneira coletiva e depende da experiência e da reflexão como instrumentos contínuos de análise. Portanto, ainda com o mesmo autor, a troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, no quais cada professor é chamado a desempenhar simultaneamente o papel de formador e de formando.

Portanto, em uma visão holística do conhecimento a educação, o ensino seja ele de Educação básica ou de formação acadêmica superior não pode ser apenas de transmissão, fria, distante, é necessária uma correlação com a atuação prática e uma empatia entre

docente e universitário, para que se minimizem os fracassos decorrentes dessa falta de relação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe. (PIAGET)

A escolha de uma instituição de ensino superior tem ido muito mais além do que simplesmente os valores e o nome oferecidos pela instituição. A procura hoje, se pauta pela busca dos resultados, pelas situações oportunizadas pelas instituições e pela didática utilizada, tendo como base a criação de condições que propiciem o sucesso profissional.

A atuação profissional dos professores universitários, bem como o contato junto aos alunos, a variedade metodológica, as ações promovidas, a realidade experimentada são fatores que condicionam a análise do conceito do curso, isso tudo que em longo prazo, torna-se prioritário na atuação profissional futura do aluno no mercado de trabalho.

Enquanto não houver por parte das administrações de ensino superior, um olhar mais apurado no que concerne a parte metodológica e didática de seus professores, os efeitos de formação integral dos alunos universitários, pouco será atingida, refletindo assim na qualidade do ensino e, conseqüentemente, na aprendizagem dos alunos.

Com base nos estudos feitos, a competência pedagógica envolve várias técnicas e domínios por parte do professor universitário, que não pode, em hipótese alguma, ser negligenciada pela instituição.

O fazer docente é o ponto primordial para a aquisição de uma nova formação de ensino- aprendizagem, de um novo ato pedagógico. O professor universitário deve aliar seus conhecimentos na área e a habilidade em educar, associando os conhecimentos de fundamento político e filosófico, associados a prática profissional.

(...) apenas como uma forma de conhecimento científico, pedagógico e cultural do professor, devemos acrescentar como sendo uma descoberta da teoria para organiza-la, fundamentá-la, revisá-la e combata-la, se preciso. (IMBERNÓN, 2000, P. 69).

O professor precisa se propor a refletir sobre a sua prática, voltando continuamente, o pensamento sobre ele mesmo, sobre os saberes apresentados, sobre a prática desenvolvida, os materiais escolhidos, sobre a experiência vivenciada. Sem essa reflexão permanente pouco é possível fazer nas propostas do ensino superior.

É necessário que haja um espaço para trocas, um espaço para reflexão para que assim o professor de ensino superior, possa repensar sua prática e buscar mecanismos para que ela seja variada e conseqüentemente, ele o nível de qualidade do ensino superior.

A responsabilidade do docente do ensino superior é grande, pois além de dominar os conteúdos a ser ministrado, precisa ter a didática para transmitir o conhecimento, e desta forma, cabe às universidades estarem atentas as necessidades e observarem os pontos cruciais de melhorias no ensino, partindo da contratação dos profissionais com requisitos de inovações na prática de ensino, que utilize novas ações pedagógicas que podem auxiliar a aprendizagem do estudante universitário.

As instituições devem criar as condições básicas, com infraestrutura e incentivos à carreira. Só o profissional, no entanto, pode ser responsável por sua formação. Esse é um processo pessoal incompatível com planos gerais centralizadores. É no espaço concreto de cada universidade, em torno de problemas pedagógicos ou educativos reais, que se desenvolve a verdadeira formação. Universidades e especialistas externos são importantes no plano teórico e metodológico. Mas todo esse conhecimento só terá eficácia se o professor conseguir inserí-lo em sua dinâmica pessoal e articulá-lo com seu processo de desenvolvimento.

A necessidade da formação além da sala de aula se faz necessária em todos os campos de atuação, seja professor, seja aluno, logo para que essa concepção de ação pesquisadora seja algo real, é necessário o despertar crítico e consciente da busca pelo conhecimento.

Não se quer aqui, colocar o professor como único responsável pela formação crítica do aluno, até porque, o estudo desenvolvido, tem como foco alunos de ensino superior, em sua maioria adulta, o que se intenciona enfatizar, é a necessidade pela formação consciente e constante por parte do professorado, para levar à sala de aula, mais além do que regras e teorias vazias de significado, quando não correlacionado com a prática.

Enquanto tivermos instituições que não oportunizem novas estratégias de ensino, com a finalidade de assegurar um serviço de qualidade à sociedade, os anseios de aprendizagem e crescimento profissional (profissionais de qualidade, que sabem o que fazer, e sabedores de resolução de conflitos) estarão cada vez mais distantes da realidade.

O oferecimento de formação continuada, incentivo aos docentes a buscarem o conhecimento, a fundamentação profissional, a inovação na prática de ensino e aprendizagem, são ações que devem e podem ser promovidas pelas instituições de ensino superior, promovendo uma valorização do profissional docente e do discente.

O aprender contínuo é essencial na atuação em sala de aula (seja na escola – Educação Básica, seja na universidade – Ensino superior). Ele deve se concentrar em dois pilares: a própria pessoa do professor, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente. Sem perder de vista que se passa de uma lógica que separava os diferentes tempos de formação, privilegiando claramente a inicial, para outra que percebe esse desenvolvimento como um processo.

Há dois pólos essenciais: o professor como agente e a escola como organização. A preocupação com a pessoa do professor é central na reflexão educacional e pedagógica. Sabemos que a formação depende do trabalho de cada um. Sabemos também que mais importante do que formar é formar-se; que todo o conhecimento é autoconhecimento e que toda a formação é auto- formação.

O desenvolvimento pessoal e profissional depende muito do contexto em que se exerce a sua atividade. Todo professor universitário deve ver a instituição não somente como o lugar onde ele ensina, mas onde aprende. A atualização e a produção de novas práticas de ensino só surgem de uma reflexão partilhada entre os colegas. Essa reflexão deve ser fomentada pela instituição de ensino, proporcionando momentos de troca e nasce do esforço de encontrar respostas para problemas educativos.

REFERÊNCIAS

- ANASTASIOU, L.; PIMENTA, S. Docência no ensino superior. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 4024/61. Brasília: 1961
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002
- IMBERNÓN, F. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2000.
- NÓVOA, A. (Coord.). Formação de professores e trabalho pedagógico. Lisboa/Portugal: Educa, 2002.
- PIMENTA, S. Docência no Ensino Superior. São Paulo: Cortez, 1994.
- PIMENTA, S. C. Professor reflexivo: construindo uma crítica. São Paulo: Cortez, 2001

ZABALZA, M. A. Formação do docente universitário. In: ZABALZA, M. A. O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas. São Paulo: Artmed, 2004.